

Do vendedor de ilusões ao predador de sonhos

From the illusions salesman to the dreams predator

Maria das Mercês Maia Muribeca¹

Palavras-chave

Psicopatia, assassino sexual sádico em série, psicologia criminal.

Resumo

Nosso estudo versa sobre a psicopatia manifestada no ato criminoso perverso de um assassino sexual sádico em série. Através de uma história fictícia, mergulhamos no mundo real dos matadores em série, tentando entender a relevância da fantasia acoplada a sua forma de ser no mundo como propulsor desencadeante da passagem ao ato criminoso. Uma equipe de investigadores criminais é montada no intuito de traçar o perfil psicológico do criminoso e proceder a sua captura com o recurso das ciências forenses.

*A única coisa necessária para o triunfo do mal
é que os homens bons não façam nada.*

Edmund Burke

PENETRANDO NA CENA DO CRIME

Fomos abruptamente tomados de profunda emoção, mas tínhamos que nos distanciar dela para visualizar o corpo nu de uma jovem mulher, que jazia inerte sobre a cama de um quarto semiescuro. Em seu cadáver estavam gravadas as marcas infligidas por uma lâmina afiada que havia desenhado com fúria inigualável cortes muito precisos. Ainda era possível ver os filetes de sangue coagulado que haviam jorrado em profusão de suas feridas, especialmente a dantesca amputação da mama direita. Aquela cena parecia surreal. Um dos membros da equipe sentiu o estômago embrulhar e agarrou-se fortemente à parede. Imediatamente se viu transportado para a Londres de 1888 quando Jack, um dos mais famosos psicopatas de todos os tempos, havia matado e estripado cinco mulheres. Em seguida, lembrou-se do caso de Chico Picadinho, que na década de

60/70 matou e desmembrou o corpo de duas mulheres (NEWTON, 2008).

Enquanto isso, um exímio fotógrafo ia registrando tudo o que via. Um corpo mutilado, com os braços arrumados em posição de castiçais, uma boca cortada de orelha a orelha desfigurando um rosto que outrora havia sido belo. Seus lábios deveriam ter sido, em vida, um convite ao fogo intenso da paixão, mas agora apenas traduziam o beijo da morte.

O corpo parecia possuir as mesmas características da Dália Negra. Era o ano de 1947 quando Elizabeth Short, aspirante a atriz, havia sido encontrada em condições idênticas. A diferença era que, neste caso, o assassino não havia drenado o sangue, nem cortado o corpo ao meio. E ao invés de introduzir na vagina um pedaço do músculo da coxa, havia inserido uma rosa repleta de espinhos, de um vermelho estonteante porque havia sido banhada com o sangue da própria vítima. A rosa cravada em sua vagina compunha o elemento final do ritual antropofágico da paixão letal: sua imutável assinatura. O autor desse crime perverso se

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia (Fundamentos Psicanalíticos) pela Universidade Autônoma de Madrid- UAM - Espanha. Coordenadora do Curso de Criminologia e Psicologia Criminal da UNIPÊ/João Pessoa - PB.

intitulava *Don Juan*, pois esse era o nome tatuado com sangue no ventre de sua vítima.

Uma das peritas tentou imaginar a cena e escutou em sua mente uma gargalhada estrondosa ao ver *Don Juan* masturbando-se freneticamente, ao mesmo tempo que enfiava a rosa e observava em êxtase o desenlace acontecer diante de seus olhos. Era o gozo supremo. Ele havia sugado tudo o que podia absorver de sua vítima, deixando-a vazia. Nesse instante, contempla sua obra e sente um desencanto final: lamenta-se que ninguém possa descer com ele às profundezas de seu ser e conhecer seu triunfo, ver o quanto foi magnífico viver aquele momento. Ao fechar a porta atrás de si, seu corpo estremece, e ele ri satisfeito, porque o desejo de voltar a fazer já urge dentro dele.

Não era preciso fazer muitas especulações para entender que se tratava de um crime sexual em série, com todos os requintes de sevícia e atrocidade, pois essa era a sexta vítima encontrada num intervalo de três semanas. Significava que a distância entre um crime e outro começava a diminuir, tornando evidente que seu apetite era cada vez mais voraz e insaciável. *Don Juan* alimentava-se de uma paixão bizarra e canibal, pois em todas as vítimas faltava a mama direita, símbolo de alimento e erotismo.

A perita saiu de seu transe e disse: “ou ele é um colecionador fetichista, que leva o seio a guisa de uma lembrança, uma espécie de troféu; ou estamos diante de um requintado *gourmet*, que seleciona o pedaço de carne de sua preferência”. Nessa hora, um frio percorreu a espinha de um dos membros da equipe, que se viu conduzido à década de 80, quando lembrou de Jeffrey Dahmer, o canibal de Milwaukee, que realizou experiências bem peculiares para transformar suas vítimas em zumbis injetando ácido muriático em seus cérebros no intuito de escravizá-las sexualmente. Seriam amantes perfeitos. Matou 17 homossexuais, esquartejando e comendo seus pedaços.

A equipe de investigadores encarregada de traçar o perfil criminológico de *Don Juan* era composta por agentes provenientes de diversas áreas das Ciências Forenses, montada conforme os padrões da Unidade de Ciências do Comportamento (UCC) criada em 1972 por uma equipe do FBI em Quântico, na Virginia - EUA. Atualmente, essa unidade funciona sob a regência do Centro Nacional para a Análise de Crimes Violentos (CNACV) e é referência mundial (RESSLER, R. K.; SHACHTMAN, T., 2005).

Esses investigadores estudam a potência intelectual de mentes criminosas através das múltiplas formas de seu agir, buscando explicar e predizer as características da pessoa que cometeu um ou mais delitos, e cuja identidade se desconhece. Mergulham num laborioso processo de autópsia psicológica das vítimas, partindo da história de suas vidas, ou seja, através de um apurado estudo sobre suas relações afetivas, traços físicos, estilo de vida, profissão, histórico médico, últimas atividades e alimentação, a fim de montarem as primeiras peças desse quebra-cabeça. Daí a relevância da Vitimologia, que aqui cobra um papel essencial, pois, a partir dessas informações, os perfiladores começam a construir o esboço da personalidade de *Don Juan*, bem distante de ser o sonhador *Don Juan DeMarco*, de Jeremy Leven (1995), e bem mais próximo da versão original concebida pelo escritor Tirso de Molina (1571-1648). Um homem que se dedica a mentir, enganar, seduzir, violar e assassinar mulheres.

Don Juan era uma ardilosa serpente que ofuscava a visão da presa para em seguida dar o bote. Ele sabia escolher suas vítimas, pois todas elas eram estudantes, possuíam a mesma faixa etária, estado civil, cor da pele, cabelo e estatura.

“Portanto, estamos diante de alguém com um acentuado desvio de caráter, um autêntico psicopata”, diz a agente encarregada de traçar o perímetro geográfico dos

crimes. A psicopatia não é um transtorno mental, mas sim um distúrbio de personalidade. É mais: de todos os transtornos estudados pela Organização Mundial de Saúde – OMS, só a psicopatia não gera sofrimento em quem a padece, ela é uma forma de ser e estar no mundo e não uma fase de alterações comportamentais momentâneas; por isso não se fala de tratamento. E, segundo Hugo Marietán (2009), apesar das diversas tentativas de classificação, não existem vários tipos de psicopatia, mas sim uma só psicopatia com diversas formas de manifestação.

Nesse sentido, se alguém soma sua psicopatia ao mundo da criminalidade, então será o pior deles. Esse tipo de criminoso transgride os limites da lei e perverte a norma, porque lei e norma não se ajustam aos seus desejos. Sente uma necessidade constante de novos estímulos e é impulsionado a realizar as fantasias mais letais na passagem ao ato mais aterrador que a história da humanidade dispõe a contar, em particular, dos assassinos sexuais sádicos em série.

“Todo este transbordamento de violência que existe nas cenas de agressões sexuais sádicas”, menciona uma das peritas, “envolve o domínio do corpo do outro, pois indivíduos como *Don Juan* podem levar horas ou até dias para matar”. Nesse momento, ela pensa na cultura japonesa, com o ritual do chá que pode levar horas, por vezes um dia inteiro, pois não se trata só de chegar e beber o chá, mas de viver o ritual. Essa é a diferença entre o psicopata criminoso sexual sádico e outros delinquentes: “não se trata só de chegar e matar, mas de cumprir com o ritual da morte. *Don Juan* é um autêntico perverso!”

Nesse sentido, explicam Ramírez e Cuevas (2007), devemos estar atentos para existência de ao menos três fatores inconscientes no momento de realizar o ato parafilico: vontade de poder; acentuada sensação de risco, que desemboca numa excita-

ção sexual única, e, por fim, que o ato tenha sabor de desagravo, pois o sentimento de retaliação funciona como uma reparação do dano sofrido durante a infância, o qual vem acompanhado de hostilidade e ressentimento.

Vale lembrar que a agressividade do psicopata é voltada para o exterior, numa tendência a tornar-se senhor do outro, revidando ativamente aquilo que outrora sofrera passivamente. Não esquecendo que a agressividade é um dos destinos da pulsão de morte e que está associada à crueldade, ao sadismo e ao ódio (FREUD, 1920/1974).

Susini (2006), por sua vez, diz que o ato perverso do criminoso é uma resposta particular à pulsão sexual. E tal qual o ato sexual, ele tende a repetir-se. O crime sexual é o ato do matador em série que possui a necessidade de reproduzir compulsivamente sua obra mortífera. E como Freud (1920) assinala, essa compulsão à repetição está imbricada com a pulsão de morte e é uma tentativa de controle e domínio de uma experiência traumática. Portanto, o essencial na análise e captura desses indivíduos é compreender a lógica do ato para poder elucidar o enigma da repetição, pois já no primeiro crime encontraremos o elemento primitivo de uma cadeia de significantes que insistentemente se entrelaçam entre si.

E como tão bem asseverou o criminologista Hans Gross (1847-1915), todo ato deixa um rastro, ou seja, cada delinquente possui um estilo característico, deixa uma pista, possui um modo de operar do qual raramente se afasta, mesmo que possa ser aperfeiçoado. Nesse sentido, a forma mais eficiente para lidar com uma investigação complexa é dispor de uma metodologia adequada para codificar, classificar, armazenar e recuperar os dados do caso, em particular, os relacionados com suspeitos potenciais e diversas pistas encontradas (GARRIDO, 2007; GARRIDO; PATRICIA-LOPEZ, 2009).

“Daí a importância”, disse um dos peritos em computação, “de possuímos um banco de dados que registre os assassinatos cometidos em todo o País, conectando-os entre si”. Em 1950, Pierce Brooks idealizou uma rede de coleta e comparação de detalhes de crimes não resolvidos, e, em 1981, Robert Keppel se uniu a ele na montagem do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos (VICAP) utilizado até hoje pelo FBI, modelo seguido pela Inglaterra e aperfeiçoado pelo Canadá (ICIAF) (ROBERT RESSLER; SHACHTMAN, 2005).

Na investigação e coleta de provas materiais, os peritos criminais fazem uma análise tridimensional da cena do crime. Após serem catalogadas, essas provas são enviadas para exame minucioso em laboratórios específicos. O resultado dessa perícia permite a construção lógica da sequência dos acontecimentos possibilitando a defesa da tese de que contra fatos não há argumentos.

Diante do resultado das análises dos elementos coletados, a equipe de perfiladores começa a traçar um esboço da personalidade criminosa do sujeito que tem como missão capturar. Portanto, para traçar seu perfil, a equipe seguiu o procedimento dedutivo, um método conhecido como: *análise das evidências comportamentais* (BEA), desenvolvido pelo psiquiatra forense Brent Turvey, submetendo todo o processo a uma apreciação criteriosa das quatro fases empregadas nesse método. Fases essas compostas pela: a) **Análise Forense Ambivalente** (evidência forense: fotos, vídeos, relatórios, autópsia, entrevistas); b) **Vitimologia** (antecedentes da vítima, tipo físico, resistência ou não ao rapto, estilo de vida, grau de risco); c) **Características da cena do crime** (abordagem, ataque, controle, localização, atos sexuais, modo de operar, assinatura, ritual) e d) **Características do agressor** (tipo físico, sexo, trabalho, hábitos, sentimento de culpa, veículo, histórico criminal, habilidade, agressividade, estado civil, raça) (TURVEY *apud* BRIAN, 2009).

Este método, portanto, consiste num estudo exaustivo da cena do crime e nas evidências encontradas, tanto físicas quanto psicológicas. Ilana Casoy (2008) lembra a importância desse estudo, especialmente no que concerne as atrocidades cometidas pelos assassinos sexuais sádicos em série, cujos crimes não são atos isolados, mas possuem significado e conexão. Destacando ainda que o motivo do perpetrador desses crimes não é algo que se desenrola na realidade, mas que se desenvolve em seu psiquismo.

Existem três elementos que conectam a cena do crime: o modo de operar, o ritual e a assinatura do criminoso. *Don Juan* possui um *modus operandi* que lhe é próprio, que consiste num padrão de procedimentos pré-estabelecido que o auxilia na realização do delito. Seu perímetro de atuação envolve a vida estudantil dessas jovens. Ele ganha a confiança delas através de um ritual envolto em sedução e manipulação amorosa. O ritual por ele criado envolve uma série de torturas, mutilações e outras violências que seriam desnecessárias para a eliminação da vítima.

Vicente Garrido e Patricia-Lopez (2009) ressaltam a importância do terceiro elemento que é a assinatura, pois ela fala da motivação do psicopata. Ademais, ela visa satisfazer as necessidades psicológicas e emocionais do agressor, sendo um elemento fundamental para entender a história que o assassino deseja contar através de seus crimes. Para John Douglas (*apud* GARRIDO; PATRICIA-LOPEZ, 2009), a assinatura é um elemento único, ela é como a digital de uma pessoa, permanece estática, enquanto o modo de operar pode se aperfeiçoar.

Kim Rossmo desenvolveu a técnica dos perfis geográficos da criminalidade violenta, ou seja, um sistema de traçar perfis geográficos concebido para analisar os padrões espaciais produzidos pelo comportamento de caça e locais-alvo dos criminosos

violentos. O perfil geográfico se baseia na premissa de que a maioria das pessoas possui um *ponto de ancoragem*. Os matadores em série podem ser divididos em quatro categorias segundo a forma de encontrar a vítima: **caçador** (no local de residência); **furtivo** (local diferente da residência ou em viagem); **oportunistista** (quando realiza outras atividades) e **ardiloso** (exerce uma posição, profissão ou cria uma situação que permite encontrar a vítima dentro de um local sob seu controle). Define também o agressor em três tipos de atacante: **raptor** (ataca imediatamente após encontrar a vítima); **perseguidor** (encontra, persegue, aproxima-se e ataca) e **predador** (ataca a vítima depois que a atrai a um local específico) (ROSSMO *apud* BRIAN, 2009).

A equipe, então, entende que *Don Juan* é um serial killer do tipo ardiloso, cujo ataque é de um predador. Seu local de trabalho é o ponto de apoio para o desenvolvimento de sua operação. A presença de sua assinatura escrita no ventre da vítima e selada com a rosa de espinhos cravada na vagina era forte indício de que estávamos diante de um psicopata sádico, movido por suas fantasias sexuais mais arcaicas. Esse sujeito era prisioneiro de uma dependência patológica com o objeto de seu desejo, e isso o induzia aos atos mais tresloucados e aos crimes mais esdrúxulos.

A falta de empatia de *Don Juan* com suas vítimas saltava aos olhos na cena do crime. O psicopata é um caçador de sensações que se excita em encontrar, conquistar e capturar sua presa. Um sujeito completamente desprovido de comiseração. Alguém que, após montar seu roteiro de atuação, não pode ser contrariado, pois não tolera a frustração. Não sente nenhuma sombra de culpa ou arrependimento de seus atos e não se responsabiliza por eles, atribuindo o dolo a outrem.

Os psicopatas são egossintônicos e, do ponto de vista intelectual, não possuem nenhum prejuízo. *Don Juan* vive sob a premis-

sa do Marquês de Sade (1740-1814), cuja primeira lei imposta pela natureza foi gozar à custa de quem quer que fosse, sendo a luxúria sua paixão mais egoísta. Mas é evidente que o psicopata não consegue amar, porque desconhece esse sentimento; porém à semelhança da Viúva Negra, a aranha atraente e impiedosa que mata sem titubear seus parceiros após o sexo, ele quer gozar.

Na década de 70, Ted Bundy, conhecido como *O Picasso americano*, seduziu e matou cerca de trinta mulheres. Extremamente charmoso e sedutor, ele fazia com que elas sentissem pena dele, pois o psicopata alimenta-se da compaixão do outro. É vital que as pessoas sintam piedade dele, para que possa continuar praticando suas ações inescrupulosas. A bem da verdade, o psicopata sofre um déficit na integração de seu mundo emocional. Ademais, a neuropsicologia alerta que a razão não pode prescindir dos sentimentos para realizar sua função adequadamente, pois a falta de empatia é porta aberta para a crueldade (GARRIDO, 2005).

Daniel Goleman (1996) reforça que o psicopata não possui inteligência emocional, que é a capacidade de reconhecer os próprios sentimentos e os dos outros, assim como a capacidade de lidar com eles. Não podemos reconhecer as emoções dos outros sem sentir empatia. Portanto, quando o psicopata se expressa, suas opiniões carecem do fundamento da experiência emocional. Eles conhecem a letra do texto, mas desconhecem a melodia que o envolve. Inclusive, vale lembrar que o psicopata não demonstra as respostas psicofisiológicas associadas ao medo ou a ansiedade (GARRIDO, 2005).

A essa altura, toda a equipe estava submersa numa inquietação pungente para desvelar algo sobre o lado obscuro de *Don Juan*. Todas as suas vítimas moravam sós ou em apartamentos compartilhados com outras estudantes. Ele era ciente de que necessitava de tempo para exercer seu cerimonial,

revestido de excessiva violência, portanto devia saber o momento exato em que podia estar com elas sem ser incomodado. Afinal, elas precisavam estar conscientes para vivenciar, passo a passo, o sofrimento que lhes era infligido.

Uma das agentes, com ar melancólico, comenta que *Don Juan* não consegue viver sem o transbordamento da adrenalina que o ato de dominar e humilhar suas vítimas lhe propicia. Saber o exato momento de suas mortes o faz sentir-se Deus. Mas o que o induz a sair às ruas à caça de outros de sua espécie? Por que vende a ilusão de ser o que não é, para capturar em sua teia de aranha as presas mais cobiçadas? Como alguém pode fazer isso? Ora, responde um dos membros da equipe, “o psicopata age assim porque ele não pensa como nós”.

Schopenhauer (1788-1860) e James Froude (1818-1894) asseveram que o ser humano é o único animal capaz de fazer mal a seu semelhante pelo simples prazer de fazê-lo, ou seja, é a única criatura para quem a tortura e a morte de alguém da mesma espécie é divertida, pois os animais selvagens nunca matam por diversão. “Meu Deus!”, exclama uma das peritas, “então, essas encantadoras jovens irão constatar tarde demais que apenas serviram de alimento às mais esdrúxulas fantasias de um devorador letal de sonhos”.

Quantos homens e mulheres, de rostos comuns, existem vagando incógnitos pela multidão, cuja identidade não condiz com a natureza perversa de seus desejos insaciáveis? O FBI, segundo Robert Simon (2009), estima que 500 serial killers provoquem a morte de 3.500 pessoas por ano nos EUA. E esses dados só tendem a aumentar porque, após cada homicídio, o serial killer intensifica ainda mais a compulsividade que nutre entre a fantasia e o ato. Colette Chiland (2005) lembra que o perverso não se sente livre para alcançar uma satisfação genital, e por isso se vê submetido a uma atividade compulsiva em que a hostilidade inconsciente predomina.

Tendlarz e García (2008) asseveram que a psicanálise se interessa em estudar a causa do crime, conduzindo o sujeito a interrogar sua posição subjetiva em relação ao ato, pois entende que só o próprio delinquente pode, a cada vez, falar o que o induz ao delito e assumir a responsabilidade por seus atos. Ademais, a ação de matar marca um tempo, um antes e um depois, quando a posição do sujeito não será mais a mesma.

“Sim, é certo”, retrucou um dos perfiladores, “mas a problemática, no caso do psicopata criminoso, é que ele não se implicará no ato e não assumirá responsabilidade alguma. Pois se trata de um crime que possui uma lógica muito particular que só ocorre em sua psique, talvez enigmática, inclusive, para seu próprio emissor”.

Não entendemos o que fazem pelo simples fato de não possuírem uma lógica natural ao entendimento humano, o que nos acarreta um medo aterrador. Seus atos negam a existência dos princípios morais e éticos que regem a conduta do humano. Sua atuação no mundo provoca o caos e seus crimes fazem-nos viver o absurdo absoluto. São predadores carnívoros, e todos nós, em qualquer momento de nossas vidas, poderemos ser suas vítimas. Não precisa existir um motivo, só precisamos estar diante de seu campo de visão. Certa vez, um repórter perguntou a um detento por que havia matado uma mulher, ao que ele respondeu: “porque ela usava sapatos vermelhos”.

Sabemos que a psicopatia existe desde tempos imemoriais e independe de raça, sexo, credo ou cultura, mas, como assinala Jurandir Freire Costa (1984; 1996), estamos cada vez mais imersos em sociedades que fomentam a criação de um funcionamento psicopático, uma espécie de laboratório social de assassinos. De um lado, reina a nossa apatia e, do outro, a crescente ousadia dos criminosos através da banalidade do mal, da vulgaridade da morte e da trivialidade da violência.

“Concordo”, diz um dos investigadores, “já que a falta de compromisso ético e moral e a distorção de conceitos e valores que antes serviam de parâmetros universais da conduta, incentivam cada vez mais o ser humano a agir de acordo com impulsos de satisfação pessoal, evocando com isso uma *psicopatia da vida cotidiana*, um fenômeno cultural que as sociedades contemporâneas estão vivenciando mais afluadamente após a efervescência da globalização”. Estamos inseridos num universo que valoriza o individualismo, o egocentrismo, o narcisismo e a competitividade, com exceção de raríssimas culturas que ainda tentam sobreviver à apologia do relativismo no qual impera o desejo do sujeito em detrimento da coletividade.

Ana Beatriz (2008) e Martha Stout (2010) lembram que o psicopata não possui consciência. Ele é alguém que está consciente de suas ações, mas não um ser de consciência. Porque ser consciente é uma maneira de existir no mundo. É poder transitar entre a razão e a sensibilidade. É algo que se sente, e isso o psicopata não pode experimentar. E não devemos esquecer que a psicopatia é uma anomalia na capacidade de vivenciar e reconhecer a experiência emocional normal e positiva com seus semelhantes e, assim, conectar-se a eles, estabelecendo relacionamentos reais. O psicopata é completamente regido pela ausência de sentimentos afetuosos.

E como tão bem ressaltou Millon (2006), não devemos nos esquecer de que as personalidades são como quadros impressionistas: a certa distância, cada pessoa parece feita de uma peça, mas, de perto, é constituída de um desconcertante emaranhado de estados de ânimo, cognições e intenções. “Por vezes assustadoras!”, exclamou um dos investigadores, “lembrem-se da personalidade do empreiteiro John Wayne Gacy Jr., conhecido como *O Palhaço*, de longe um respeitável cidadão americano, de perto um Nosferatu de vidas matando 33 rapazes e alojando seus

corpos em sua própria morada”. “É realmente macabro o que essas criaturas são capazes de fazer!”

Ora, o anormal nos assusta porque nos é incompreensível. Mas aquilo que mais nos ameaça está dentro de nós mesmos. O sinistro é aquilo que está ao mesmo tempo muito distante de nós, mas que insiste em se insinuar numa proximidade aterradora. (FREUD, 1919/1974). “Por isso”, argumentou o diretor da equipe, “estamos sempre tão inquietos querendo desbravar um saber que ainda não se sabe acerca da psique do psicopata criminoso e de como seus desejos subvertem as leis de maneira tão peculiar. Isso é o que nos mantém, todos os dias, imiscuindo-se no lado obscuro das paixões mais lascivas de um ser que as vivencia no outro sem seu consentimento”.

O psicopata é um camaleão na sociedade, que, a modo de um prestidigitador, encena diversos papéis que fazem parte da arte de blefar. *Don Juan* possui a arte da sedução e da manipulação. Ele monta um espetáculo dantesco para nós, seus espectadores, tecendo uma obra de arte com os fios de suas fantasias sádicas infantis até atingir uma glória apoteótica.

Oscar Wilde (1854-1900) recorda que a arte é a forma mais intensa de individualismo que o mundo conhece. E é exatamente isso que *Don Juan* está fazendo. Ele deixa marcas indeléveis de seu individualismo firmadas em corpos nus, retalhados e destruídos em sua essência humana.

O tempo estava passando, e era preciso criar uma armadilha para capturar *Don Juan*. Então, o próximo passo seria infiltrar uma agente que pudesse despertar sua cobiça. É bem verdade que os ratos farejam os gatos e fogem para os bueiros mais próximos. A diferença é que os seres humanos não conhecem o psicopata e não farejam a sua presença. Desconhecem a existência da encarnação do mal e se iludem esperando encontrar a bondade em algum recôndito perdido de sua alma. Nesse caso, fabricamos

o rato e esperamos o gato aparecer. Todas as pistas levavam ao encalço de um funcionário da Universidade.

A policial infiltrada questionou: “afinal a quem o assassino está matando se ele desconhece suas vítimas? O que o impulsiona a matar de maneira tão laboriosa? O que causa essa aberração em forma humana?” Robert Ressler e Shachtman (2005) explicam que, primeiro, o psicopata personifica suas vítimas encaixando-as na personagem de suas fantasias para só depois coisificá-las a fim de roubar sua alteridade. Corroborando com esse pensamento, Elisabeth Roudinesco (2008) adverte que os crimes sexuais perversos, vãos e por puro deleite, não visam eliminar um adversário, buscam apenas aniquilar o que há de humano no outro.

“Quanto às possíveis causas”, comenta um dos membros da equipe, “possuímos apenas conjecturas”. A neurobiologia supõe que o psicopata possua uma lesão cerebral sem dano orgânico. Estudos de neuroimagem apontam malformações nas estruturas cerebrais frontais, especialmente o córtex órbito-frontal (impulsos e decisões) e a amígdala dentro do sistema límbico (campo das emoções). Também entram em cena uma predisposição genética, possíveis anormalidades nos cromossomos sexuais, traumas infantis, famílias desestruturadas, inserção em ambiente hostil e marginalizado. Em suma: pensem o criminoso como uma arma: sua genética a carrega; sua psicologia faz a mira e seu ambiente social puxa o gatilho.

Todos eram cientes de que *Don Juan* se nutria da essência de suas vítimas, pois a cada morte, ele renascia mais fortalecido em seu verdadeiro eu assassino. A agente infiltrada era sabedora do risco que corria nessa empreitada, mas em seu treinamento policial havia aprendido que missão dada era missão cumprida.

Já estava muito próximo das férias acadêmicas, quando ela foi cortejada por *Don Juan* numa festa. Toda a equipe era pura

adrenalina, mas era preciso conter os impulsos de prendê-lo ali mesmo, pois era vital obter maiores evidências. O teatro de operações estava montado, uma parte do efetivo monitorava o apartamento para agir a qualquer instante, efetuando a prisão. Outra parte seguia a policial disfarçada dando cobertura a suas ações.

Na festa a agente conversava animadamente com *Don Juan*, quando de repente possui a sensação de estar diante da pessoa errada. Aquele homem era demasiadamente encantador para ser o monstro que ela devia atrair para a emboscada. Porém, a caminho do apartamento, justamente quando começa a acreditar que *Don Juan* não é o assassino, ele abre o cofre e retira uma rosa vermelha cravada de espinhos para ofertar-lhe.

Minutos depois, quando já haviam chegado ao apartamento iniciaram-se os procedimentos operacionais e táticos para imobilização e arresto de *Don Juan*. Na apreensão a agente saiu levemente lesionada, mas talvez fossem suas emoções as que verdadeiramente estavam feridas. Ao ser preso, o matador em série inicialmente negou seus crimes, mas depois confessou um a um. Ele as matava para que elas pudessem fundir-se a ele. Otto Kernberg (1995) explica que o assassinato sádico é a consequência extrema do esforço por penetrar noutra pessoa até a essência mesma de seu ser e, de tal modo, suprimir toda a sensação de estar excluído dessa essência.

O diretor da investigação comentou que *Don Juan* foi lançado às intempéries de uma mãe ausente, cujo peito materno lhe foi negado. À semelhança da infância vivenciada pelo americano Henry Lee Lucas, assassino em série da década de 70, que descreveu sua mãe, Viola Lucas, como uma prostituta violenta que batia sem motivo e o obrigava a vê-la tendo relações sexuais com outros homens.

As vítimas de *Don Juan* possuíam a aparência de sua mãe quando jovem. Todas

em sua imaginação insinuavam-se para ele, numa espécie de convite irresistível, uma tentação sem freio e sem limites. Ele havia assassinado sua mãe. A rosa cravada de espinhos na vagina era uma espécie de oferenda final ao seu cadáver: afinal, ela adorava rosas.

Para finalizar, a questão que ainda se impõe às ciências de um modo geral é entender a causa, o mecanismo do funcionamento psíquico e o comportamento desses indivíduos. Robert Ressler e Shachtman (2005) afirmam que, se lográssemos entrar na mente de um assassino, então poderíamos prever e possivelmente evitar seu próximo crime. Essa é a incumbência de todos que compõem a equipe de investigadores e perfiladores criminais.

Keywords

Psychopathy, serial sexual sadistic killer, criminal psychology.

Abstract

Our study turns on the psychopathy revealed in the perverse criminal act of a serial sexual sadistic killer. Through a fictitious story, we dive into the real world of serial killers trying to understand the relevance of the fantasy connected to its way of being in the world as propellers of the ticket to the criminal act. A team of criminal investigators is joined with the intention of tracing the psychological profile of the criminal and proceeding to his capture with the resource of forensic sciences.

Referências

- BRIAN, I. *Perfil de uma mente criminosa: como o perfil psicológico ajuda a resolver crimes da vida real*. São Paulo: Escala, 2009.
- CHILAND, C. *O sexo conduz o mundo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- CASOY, I. *Serial killer: louco ou cruel?* São Paulo: Ediouro, 2008.
- COSTA, J. F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *O Laboratório de assassinos*. In: Folha de São Paulo. Caderno MAIS! Domingo, 31 de março de 1996, p. 3-5.
- FREUD, S. (1919) O estranho. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVII.
- _____. (1920) Além do princípio do prazer. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVIII.
- _____. (1930[1929]) O mal estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.
- GARRIDO-GENOVES, V. *El psicópata: un camaleón en la sociedad actual*. España: Algar, 2005.
- _____. *La mente criminal: la ciencia contra los asesinos en serie*. Madrid: Temas de hoy, 2007.
- GARRIDO-GENOVES, V; PATRICIA-LOPEZ, L. *El rastro del asesino: el perfil psicológico de los criminales en la investigación policial*. Barcelona: Ariel, 2009.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- KEMBERG, O. *Relaciones amorosas: normalidad y patología*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- LEVEN J. *Don Juan DeMarco*. Filme exibido em 1995 e distribuído pela Columbia TriStar Films.
- MARIETÁN, H. Entrevista publicada no site em 2009. Disponível em: <http://www.marietan.com>
- MILLON T. *Trastornos de la Personalidad en la Vida Moderna*. Barcelona: Elsevier, 2006.
- NEWTON M. *A enciclopédia de Serial Killers*. São Paulo: Madras, 2008.

RAMÍREZ G. C.; CUEVAS, R. V. *Las parafilias como factor criminógeno*. Publicado em 2007 por Manuel Carballal. Disponível em: <http://manuelcarballal.blogspot.com/2007/03/las-parafilias-como-factor-crimingeno.html>

RESSLER, R. K.; SHACHTMAN, T. *Asesinos en serie*. Barcelona: Ariel, 2005.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SILVA, A. B. B. *Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SIMON, R. I. *Homens maus fazem o que homens bons sonham: um psiquiatra forense ilumina o lado obscuro do comportamento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STOUT, M. *Meu vizinho é um psicopata*. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

SUSINI, M-L. *O autor do crime perverso*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

TENDLARZ, S. E; GARCÍA, C. D. *¿A quién mata el asesino?* Buenos Aires: Grama, 2008.

Tramitação:

Recebido: 29.09.2010

Aprovado: 16.11.2010

Nome da autora:

Maria das Mercês Maia Muribeca

Endereço: Av. Nsa. Senhora dos Navegantes,
370 - 1º andar – Tambaú

CEP: 58039-110. João Pessoa – PB

E-mail: m.muribeca@gmail.com